

Olhos Roxos, Coração de Chuva¹

João de Mancelos

I

Tatiana avançava, com a mansidão de uma ave.

“Como elas crescem!”, pensou o ceifeiro, ao vê-la esvoaçar por entre os pescoços das espigas. “Treze anos e já esquecem de andar”.

A jovem caminhava em pegadas incertas, preferindo saltar, num misto de pulo e voo.

“É quase noite”, pensou Tatiana, ao espreitar as estrelas que, à velocidade da nave, se escoavam entre cometas e galáxias.

“Mais um quadrante espacial e os projetores serão desligados. Nunca terei tempo de agarrar o Luís, se não voar mais depressa”.

Projetou as mãos para a frente e impulsionou-se. Em breve sentiu no cetim da pele a humidade da estufa do Setor Oito. Pouco depois, deslizava já por entre o emaranhado das sequoias, onde o aroma desprendido pela terra era mais espesso. Afastou um enxame de pirilampos, evitou uma miríade de mariposas, e deu-se conta de que chegara.

Na clareira das três Eras, entre as esculturas e os arranha-céus em forma de cogumelo, os adolescentes preguiçavam sobre a relva. Ali era uma zona de gravidade normal e fazia fresco.

— Tati! Eh, estamos aqui! — chamou o Luís.

O Zé Pedro encaixou os cabelos azuis entre os joelhos e não poupou um resmungo surdo:

— Bah! Outra vez aquela miúda esquisita... Devas ter mais cuidado com as companhias.

Um safanão poupou-lhe mais comentários:

— Só dizes isso por ela te ter ganho ao jetrobol, não é, pá?

— Olá Tati! Estava a ver que não vinhas hoje! — disse o Luís.

— Tudo a sóis, Luís?

— Como um cometa na crista do céu! — afastou a terra dos joelhos arranhados e convidou-a:

— Senta-te aqui, ao pé de mim.

Tatiana estendeu-se na relva e fingiu nem reparar no Zé Pedro, enquanto rebuscava nos bolsos uma minicassete. Estendeu-lha: da mão:

¹ Mancelos, João de. “Olhos Roxos, Coração de Chuva”. *O Atlântico Tem Duas Margens: Antologia da Novíssima Ficção Científica Luso-Brasileira*. Org. Manuel Morais. Lisboa: Caminho, 1993. 11-23.

— Aqui tens, Zé, os últimos sucessos dos Solostar.

Zé Pedro estendeu a mão e agarrou no cubo de gravação.

— Impecável, há meses que eu andava à procura disto! Obrigado.

— Tati... — satirizou Petra numa vozinha insinuante. — O Zé Pedro tocou na tua mão.

— Argh! — rugiu Tatiana. — O teu irmão é contagioso?

— Não! Só quando se baba todo! — apoiou os antebraços na relva. — E especialmente por olhos roxos como os teus.

Zé Pedro ergueu-se como uma mola e perseguiu-a, pelo relvado. Lá em cima, no horizonte artificial da cúpula um dos sóis artificiais descia.

Luís e Tatiana entreolharam-se. Ele começou desajeitadamente a enfiar na mochila a enxurrada de tralha. Quando estava junto a ela, as palavras dificilmente saíam. Balbuciou:

— Ele tem razão, Tati! Os teus olhos são mesmo roxos. Lindos.

Ela esboçou um sorriso e repuxou o cabelo, atrás.

— Obrigada.

Agora, até tinha um átomo de vaidade na cor dos olhos, mas quando se apercebera de que era a única assim, em toda a nave, sentira-se discriminada e por vezes evitava a companhia dos outros, preferindo embrenhar-se numa tristeza de lua. Fora então que conhecera o Luís.

— Ouve lá, Luís, tu algum dia pensas como seria a Terra...?

Ele encolheu os ombros:

— Sei lá! Eu já nasci nesta nave... e sabes que os adultos não gostam de falar nisso. Porquê?

Tatiana não lhe respondeu, os olhos fitos na fronteira do relvado, os holofotes a desligarem-se, um a um, os candeeiros a acenderem-se numa aura azulada.

— Mas devia ser linda! — murmurou. — Ninguém teria de viver nestes cogumelos gigantes, ou pedir autorização para passear pela floresta da nave, ou ver estrelas partirem, todos os dias, às centenas, sem ter tempo de as conhecer ou batizar... como amigos que dizem “olá” e logo depois “adeus”...

Ele encolheu os ombros. Não havia nem um raio de estrela que animasse Tati, quando se acabrunhava assim, naqueles mistérios.

— Que satélite te caiu na tola, miúda?

Zé Pedro e Petra regressavam, ofegantes.

Tatiana espreguiçou-se.

— Tempo de ir.

— Já? Tens mesmo de ir embora?

Hesitou, meia dispersa pela algaraviada que os irmãos faziam, agora na disputa do cubo de gravação.

Tati sussurrou:

— Vim para aqui para te contar uma coisa, Luís... Se quiseres, podes vir até minha casa, esta noite — levantou o indicador —, caso saibas guardar um segredo.

Luís anuiu. Tati afastou-se. Só quando o corpo esguio dela se embrenhou na floresta, é que o Luís deu razão ao Zé: “Ela é mesmo estranha”.

II

Mal soaram as três pancadinhas na porta, Tatiana precipitou-se para abrir:

— Entra! — ciciou, esticando a cabeça para fora, não fora alguém vê-lo. Num repelão, empurrou-o para o corredor, e não na direção do quarto onde costumavam conversar até às primeiras horas da madrugada.

A humidade dos respiradouros pingava, em pequenas manchas, como continentes impressos a bolor, nas paredes. A mão de Tati prendeu-se à sua, mornamente, e orientou-o através do labirinto. Subiram as escadinhas de aço, sem ruído, e abriram o alçapão. Através de uma claraboia, descia uma luz azul, sobre a pilha de móveis, cadeiras em pino, mesas entroncadas em bengaleiros, cómodas esventradas.

— Cuidado com os fantasmas, Luís.

— Prometo não tropeçar em nenhum.

Luís arrastou o dedo pelo tampo de uma cómoda e observou o resultado:

— Tati, afinal quando é que tu limpas esta tralha toda?

— Cala-te...

Abriu uma gaveta e tirou de lá de dentro um objeto circular, fino, de plástico dourado, com um orifício no centro.

— Sabes o que é, Luís?

— Não faço ideia.

— Chama-se disco. É um filme digital. Muito antigo.

Os dedos vacilantes procuraram uma velha máquina, dentro da gaveta. Tirou-a cautelosamente para fora.

— E isto é a engenhoca que nos vai permitir vê-lo.

Luís cruzou os braços. Tanto mistério...

Tatiana ligou um cabo do aparelho ao écran e outra a uma tomada. Inseriu o disco numa fenda e ligou o enorme ecrã prateado acender-se. A imagem não era ainda nítida.

— Ena! — murmurou o Luís.

Tatiana deu-lhe uma sapatada quando viu que ele ia ajustar a televisão.

— É mesmo assim, o aparelho é velho, não dá melhor. — Vê-me bem isto, Luís!

Um veículo com quatro rodas parou. Um homem barbudo e aparentemente muito satisfeito cofiou a barba. A porta do seu meio de transporte baloiçou ao vento. Noticiou, com entusiasmo:

— Eis um carro excepcional. Observem só esta robustez! — desferiu um soco na chapa. A câmara percorreu num *close-up* os cromados. Orgulhoso, o barbudo entrou no automóvel e afogou-se na negrura dos estofos. A mão anunciou um conta-quilómetros e um painel electrónico primitivo. Uma voz exageradamente cava elogiou a tecnologia de ponta.

Tatiana sacudiu Luís:

— É agora! Vê bem!

O veículo pareceu por instantes sair da televisão. Galgou o cascalho e entrou numa larga faixa de asfalto. Através de uma planície, rodou. Emergiu numa praia, rente ao oceano. O homem invisível, da voz grossa, elogiou a *performance*. E o carro entrou numa estrada, por entre montanhas altas. Através de uma queda maciça de neve, o motor rugia, o veículo quase indistinto, esfregado junto ao céu. Truncou depois vales cinzentos e estacou, súbito, no saibro de um porto marítimo. No ecrã surgiram as letras platinadas: “Betamóvel: Quatro rodas para o futuro”.

A imagem fez-se gratinada e um sibilar de estática preencheu o sótão. Tatiana não se moveu, a voz embargada:

— Viste...? — disse, enfim.— As paisagens, a neve, os oceanos...aquilo era a Terra. Que nós nunca veremos.

Luís afagou-lhe os cabelos:

— Tati... Não sei se isto é certo... É proibido ver filmes sobre a Terra, tu sabes. Até mesmo fotos, revistas, ou qualquer coisa... — concluiu.

Tati sentou-se junto a ele e abraçou os joelhos:

— Mas é bem giro fazer estas coisas proibidas.

Trocaram um olhar cúmplice.

— Desde que não dê com a língua nos dentes, não é? — resmungou Tati, espreguiçando-se.

— Claro que não, Tatiana.

Fez o gesto de pegar numa chave, engoli-la e selar impossivelmente os portões dos lábios. — Não posso dizer nem mesmo à Petra?

Um livro bem lançado à cabeça e calou-o.

— Nem pensar! Até porque...há mais filmes destes!

— Ah! O teu pai deve ser um conspirador, ou coisa assim!

— Bah! Qual quê? Não são dele, os filmes! Pertenciam ao avô. Na certa contrabandeou-os, da Terra, quando esta nave deslocou. Vens cá amanhã ver mais?

— Combinado — Luís olhou para o relógio: — É tarde! Há teste amanhã. — Espanou o pé da camisola e calçou as sapatilhas. — Tati, obrigado por me teres mostrado isso! Nunca pensei que a Terra fosse tão espectacular! E — aproximou-se do ouvido — juro silêncio!

Tati poisou-lhe a mão sobre a face, numa ternura abandonada:

— Eu estarei sempre contigo — nem a frase nem o gesto pertenciam a Tati. Vira a cena num dos velhos filmes e gostara.

III

Tatiana e Luís fizeram desse primeiro encontro um hábito. Adormeceram a meio de *África Minha*, só para acordarem à luz tateante de Beta Épsilon, que dava partida às madrugadas, naquela Era Estelar. Entreolharam-se conspicuamente durante *Amor Infinito*. E foi no desenlace de *Badlands* que Luís gritou, em protesto, pois não merecia um sonho melhor destino? Amaram as paisagens de *Gandhi*, queriam estar na Índia, os braços abertos ao vento e reboarem sobre a terra empapada até a sentirem colar-se ao corpo. Mais que tudo, era a chuva que os maravilhava.

Estudavam, agora, estirados sobre a relva lustrosa:

— Pode lá ser, Tati? Cair água assim a rodos, vinda de parte nenhuma? — a pluviosidade era coisa nunca vista na nave.

— Não é bem assim — ponderou, enquanto mordiscava a cabeça da esferográfica, os olhos desviados do livro de *Propulsão Nuclear*. — Como hei de explicar...? Sabes, a chuva deve ser deve ser um duche grande ou um repuxo, pendurado não sei onde. Alguém o deve abrir como o jardineiro da Zona Três.

Luís tirou os óculos e esfregou os olhos raiados de sono:

— Não entendo — bocejou. — Não há lá nenhum cano prá água passar!

Tati surripiou mais um biscoito:

— Deve ser um cano oculto acima das nuvens! — espetou o dedo no ar. — Por isso não se vê. Ou talvez, quem sabe, pode ser um produto químico. Não tenho a certeza... — suspirou —, o dicionário não traz nada.

— O problema é esse! Ninguém nos explica nada, porque é proibido falar da Terra! Aposto que noutros tempos toda a malta sabia isso...

A única coisa que tombava do céu, ali, eram as pipocas certas que Petra atirava durante as aulas de Matemática. E a chuva não era isso.

Ela devia ter o aroma desprendido da relva, ou o orvalho suado das plantas. Devia poder sorver-se por cada poro e sumir-se entre os lábios com um rasto de sabor a frutos dourados.

Tati afastou em palmadas secas a terrça que se lhe prendia aos joelhos e puxou sobre o seu coração a mão do Luís. As últimas pessoas arrastavam-se, pressurosas. Acendiam-se os arranha-céus. Sobre a cúpula da nave, passava uma lua leitosa e pequenina.

A criança espreitava pelo olhar roxo de Tati, tão feliz estava. Sentiu no peito os dedos exploradores do Luís e riu-se. Como seria, se estivessem nas dunas de uma praia, a verem nascer o fruto do Sol?

— Olha — ciciou o Luís —, vem lá o Zé Pedro. E parece todo eriçado, hoje...

Pedro olhava-a, furiosa:

— Ouve lá, Tati! Por que diabo me pediste para perguntar aquela história, ah?

— Explica lá isso em língua de gente!

— Em quê...? Ora muito bem! Foi por causa da tua linguagem que eu me ia tramando, ou julgas que não sei? Mandas-me perguntar ao meu pai como é que a chuva existe. Chuva, ah! Ele deita-me cá um olhar!

— A sério?

— Nem mais! Que era proibido falar de porcarias dessas e não sei o quê. Estás a ver o sermão que gramei!

— “Chuva” não é um palavrão!

Pedro assolapou-se no relvado, enterrou na cabeça o chapéu da Tatiana e repetiu para si “Chuva. Chuva. Chuva”. O dorso daquela palavra, o seu som entre os lábios — até era um termo giro.

— Afinal, o que quer dizer chuva, pá? Ou é assim tão mau que nem se possa contar...?

Tatiana sorriu de orelha a orelha:

— É a água que cai do céu!

O pontapé discreto de Luís não chegou a tempo.

— Quê? — indaga Zé Pedro. — Como quando tomamos um banho bem quente e começam a cair gotas do teto da casa de banho?

Tati levantou as sobrancelhas. Luís também:

— Explica lá isso, ó génio?

Pedro afagou aquilo que só dali a muito tempo seria uma barba:

— Andas a faltar às aulas? Chama-se condensação. A água quente sobe, invisível, em vapor.

— Como o fumo dos tachos e caçarolas, na cozinha. Sei...

— Mais ou menos... Depois, encontra uma superfície fria — pegou no caderno do Luís — e... volta a ficar água!

Tatiana piscou os olhos arroxeados. A mente dela vagueava bem longe. Num mundo de chuva e sem adultos, onde ninguém se sentisse obrigado a crescer. De súbito sentiu calor, como uma chama, dentro de si. Uma raiva profunda. E medo, medo de nunca ver a chuva.

— Eh, está a sair vapor da tua cabeça! — lançou Luís. — E oiço barulho de máquinas enferrujadas! Estás a pensar, é...?

Desta vez, a calcadela veio de Tati. E não falhou.

Durante o resto da tarde enroscou-se em pensamentos. E estava a sentir qualquer coisa de muito estranho, um cansaço agudo.

Zé Pedro disse que “a miúda esquisita estava nas nuvens”.

Ele não sabia o que eram “nuvens”. Mas tinha acertado.

IV

A porta bateu com um estrondo. Tati deixou-se escorregar pela parede, até ficar sentada no chão. Pernas cruzadas, os olhos líquidos de roxo. Colher uma lágrima. “É a única”, refletiu. Estava a tornar-se mesmo boa naquilo. E sorriu da singularidade: uma noite, uma discussão. Do outro lado da porta fechava-se o resto do mundo. E a raiva por eles terem descoberto o seu segredo. Agora, nem ela nem Luís voltariam a ver os filmes. Na certa acabariam num reciclador de lixo.

Deitou-se sobre a cama e sacudi para trás o cabelo. A luz dos holofotes seccionava-se através do estore, para se imprimir no papel de parede, tatuado de milhares de coraçõezinhos cor-de-rosa, em fundo azul.

“Se alguém sonhasse que eu inscrevi num deles o palavrão Chuva!”

Em qual, não se recordava já. Pensou como seria se a chuva tombasse em cascata sobre os jardins, e escorresse por as ranhuras da nave.

Daí a minutos adormecia, de total exaustão.

V

Pedalada a pedalada, mochila às costas, escalava a cauda da nave. Sentiu um bafo húmido, o ronronar morno dos motores, e logo a voz de Luís soou, acima da surdez:

— Podemos descansar um bocadinho, se quiseres!

Tati assentiu. Afinal, ainda devia faltar um pedaço, para chegar a O Lugar. Desmontaram e debruçaram-se sobre o viaduto mais alto da nave. Lá em baixo, mesmo a pique, o trânsito desfilava, como um enxame de moscardos eléctricos. Ao longe eram já só pirilampos, magenta, rumo à boca da noite. Navetas de transporte, carros da hora de ponta, cavaleiros e jetomotas de aço — uma enxurrada disparada pelo aero-estradas e junções, prometendo desaguar nos limites da Zona 3. Depois, alguns engarrafamentos mais tarde, partiriam à conquista do coração da Zona Central de Residência, bem nos subúrbios das Casas-Cogumelo. Acabariam por se deixar engolir pelas garagens., no ventre da nave. Tatiana e Luís entreolharam-se e sorriram. Aquele fim de dia iria ser diferente.

— E memorável! — assinalou Luís, de dedo socraticamente levantado no ar. — Então, vamos a isso!

— Embora!

Encavalitaram-se nos velocípedes e avançaram, a humidade lustrosa a fazê-los piscar os olhos. Acima deles, fora da nave, cardumes de astros pareciam varrer o céu, e correr junto a eles.

— Não te preocupes! Mais cinco minutos! — gritou Luís, ofegante.

Tati respondeu-lhe com um trejeito esperançoso. Iria ser incrível! Mal podia calcular a surpresa dos habitantes da nave! Era como quando nos deitamos rente ao chão e começamos a inspeccionar o quarto. Tudo nos parece uma floresta de pernas de pau — cómoda, estante, secretária, a cama e os seus vestidos de cobertores e lençóis...a tampa da esferográfica e um bilhete de cinema perdidos sob um móvel. Tudo tão extraordinário e absoluto. Luís afrouxou.

— A partir daqui, teremos de seguir a pé. Espero que não tenhas vertigens, miudita!

Tatiana esticou o pescoço sobre o precipício. O viaduto estreitava-se, a jeito de esófago, sobre a Zona 2. No final havia uma porta.

“É estranho! Uma entrada sem paredes...Para onde ia aquilo, afinal?”, encolheu os ombros e descalçou-se, a bicicleta abandonada junto ao gradeamento. No silêncio, Luís conduziu-a pela mão. Também ele parecia diferente. Percorria-o um magnetismo que lhe dava arrepios. Semi-voaram, na dimensão brusca da gravidade. Chegaram à porta. Tati ia empurrá-la, mas Luís avisou:

— Espera! Não pode ser assim! Tens que ter toda a chuva no coração.

Concentraram-se e forçaram a porta. Ela sentiu um arrepio. Num colapso, todas as cores se esvaíram. Deixou-se deslizar para um Universo diferente. Havia tufos enegrecidos, pelo pôr-de-cinco-sóis. Acenavam ao vento, no despedir da tarde. A planície de água estava ao rubro. Cada nenúfar do pântano encontrava-se no seu reflexo.

— Onde estou...?

As mãos enchiam-se-lhe de céu, e transbordavam enquanto ela queria agarrar tudo na força dos pulsos.

— Este é O Lugar. Bem-vinda, Tati! Aqui, nada é proibido. Nem mesmo o sonho que cada noite bate à tua porta.

Os batráquios coaxavam. Os insetos volteavam no ar, num exercício de estilo e transparência. Tudo era bom e infinitamente belo.

— E a chuva, Luís?

Ele apontou a mão ao céu. Por um momento, nada aconteceu. Mas depois, as nuvens pareceram contrair-se. Um trovão. Um relâmpago. Quase em simultâneo. E logo a seguir, aquela bâtega cerrada, ao jeito de uma súbita enxurrada tropical. A metrópole da nave reapareceu. As Zonas 8, 6 e 3, cobertas por um manto de orvalho. Com odor e alma de árvore. Sobre as crianças e os velhos e as gentes, todas luzidias e pasmadas. Com os olhos fitos no que poderia ter sido primeiro segundo do mundo.

Tati olhou Luís. Trocaram as palavras que só o coração murmura e o silêncio diz. E depois, os lábios tocaram-se.

Acordou.

Tatiana escutou os dedos nodosos da mão baterem na porta do quarto. Deviam ser horas de acordar e ir para a escola. Espreguiçou-se. Aquele sonho lindo devia ter durado toda a noite. Do outro lado da porta a mãe gritou:

— Hoje está de chuva! Calça as botas.

Tati estacou, surpreendida. Podia lá ser?

Correu para a janela, esticou o estore abriu as portadas. Sob um céu de cinza, tombavam os primeiros chuviscos da madrugada. E a gabardina impermeável abria os braços na cruzeta. Exatamente no sítio onde a deixara, no dia anterior. Tatiana aproximou-se do espelho, com a mão sobre os olhos. Afastou-a num rompante e contemplou-se.

Não, não eram roxos. Os olhos faiscavam, mais azuis que nunca.